

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

Capital do tecno

Se Frank Sinatra fosse vivo, poderia facilmente trocar "New York, New York", título da canção de Fred Ebb e John Kander, por "Berlim, Berlim, the city that never sleeps" (a cidade que nunca dorme). Aqui, só não se diverte quem não quer. São cerca de 250 clubes, teatros e salas de concerto apresentando música o ano inteiro. Isso sem contar com as festas e os *lounges* temáticos, bares com DJs e locações com capacidade para atrair multidões, como é o caso do Olympia Stadion (estádio de futebol), do O2 World Arena (ginásio de esportes e concertos) e de parques como Waldbühne e Wulheide, palcos onde geralmente os astros do pop e do clássico fazem shows por aqui.

Berlim cada vez se firma mais como polo de negócios no ramo da música e hoje já abriga a sede de algumas multinacionais, mídia especializada, 70 escritórios de promotores, gravadoras independentes, estúdios de gravação e duas *networks* representantes dos interesses de pequenas e médias empresas da indústria fonográfica: a Club Commission Berlin e a Berlin Music Commission.

Mas se tudo isso é recente, com consequências positivas para a cultura e a economia locais, o cenário *underground* da cidade é constante há décadas. Dois clubes históricos são boas referências: o SO36, fundado em 1978, em Kreuzberg, foi o epicentro da música dos anos 80 (punk e new-wave), e continua fiel às origens, atraindo a cena local e bandas de prestígio como os americanos do TV on the Radio. O Knaack, que existe desde 1952, em Prenzlauerberg, foi palco dos primeiros concertos do Rammstein. O clube da antiga RDA está sendo ameaçado pela nova vizinhança, mas como se trata de um templo do rock alemão, há uma mobilização para que não acabe.

Não muito distante, em Friedrichshain, o cenário é outro. Na ORWOHaus, antiga fábrica da Orwo, marca de filmes fotográficos, tudo é permitido, exceto o silêncio! No local conhecido como "fábrica de música" funcionam cem estúdios de ensaio. Por lá, transitam regularmente 700 músicos e 200 bandas. Com iniciativa própria, os músicos conseguiram criar um ambiente ideal para escoar a produção *underground*. Pode-se dizer que a ORWOHaus é a maior casa de músicos da Europa, antes ocupada ilegalmente e, desde março de 2009, legalizada pelo governo.

O período pós-unificação mexeu em várias áreas da cultura. Espaços abandonados foram transformados em clubes, e alguns se tornaram legendários. É o caso do UFO — primeiro clube tecno ilegal de Berlim —, o E-Werk e o Tresor, clube de música eletrônica aberto nos anos 90 de maneira improvisada em um cofre subterrâneo de uma loja de departamento. Obrigado a fechar em 2005, ele sobreviveu, reabrindo em 2007 com uma superestrutura.

Nos primórdios do tecno, surgiu na Berlim ocidental, um pouco antes da queda do muro, a Love Parade. Iniciada em 1989, a parada foi concebida como uma manifestação política para a paz e o entendimento internacional através do amor e da música, uma espécie de Woodstock urbano-contemporâneo, embalado ao som dos mais proe-

minentes DJs de música eletrônica em cima de caminhões estilo trio elétrico, arrastando a multidão. Nos primeiros anos, o desfile tomou conta da Kurfurstendamm e logo mudou-se para a 17. Juni, uma das maiores avenidas de Berlim, no Tiergarten.

A Love Parade integrou o calendário da cidade por muitos anos, com público estimado em mais de um milhão de pessoas de 1997 a 2000. Em 2001 começam a surgir os problemas: falta de patrocínio, oposição de partidos políticos, veterinários reclamando que o sistema de som provocava diarreia nos bichinhos do zoológico. As autorizações ficaram mais difíceis de ser obtidas...

A última Love Parade de Berlim aconteceu no verão de 2006, em um estilo megaevento que pouco preservava do conceito inicial. A partir daí, já transformada em marca, a parada se deslocou pa-

ra a região industrial em torno do Rio Ruhr. Com a tragédia ocorrida na cidade de Duisburg em julho deste ano, com 21 pessoas mortas e cerca de 500 feridas, foi anunciado o fim do festival.

Mas Berlim continua a ser a metrópole da música eletrônica e um dos maiores centros da música

tecno no mundo. A capital recebe, especialmente no verão, turistas europeus que vêm passar o fim de semana nas pistas de dança. Essa geração que frequenta o Berghain e o Bar 25 foi chamada pelo jornalista Tobias Rapp de *easyjetsetters*, por causa dos voos baratos da companhia Easy Jet.

Em Berlim, coexistem os mais diversos estilos de música. Esta variedade pode ser constatada em alguns eventos programados na cidade esta semana.

A primeira edição da Berlin Music Week começou ontem no antigo aeroporto de Tempelhof englobando três eventos: Popkomm, All2gether e Berlin Festival. O Echtzeitmusik (algo como música em tempo real) apresentará em cinco clubes, em setembro, cerca de 60 concertos dos mais diversos estilos de música experimental. Quem abre a temporada amanhã é Sven-Ake Johansson, que traz no programa uma peça tocada em extintores de incêndio. O clássico também está representado. Até 21 de setembro, o Musik Fest Berlin apresenta atrações da música erudita em cinco salas de prestígio na cidade.

Turistas em trânsito, *easyjetsetters* ou locais, fato é que a oferta e a demanda de eventos relacionados à música em Berlim estão em equilíbrio. Não tem cadeira vazia em lugar algum.

Berlim continua a ser a metrópole da música eletrônica e um dos maiores centros da música tecno no mundo

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SABADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso